



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

De volta a Kanner: autismo e transtorno de contato afetivo

Hélène Toussaint

Orcid: [0009-00055353-8431](https://orcid.org/0009-00055353-8431)

Psicóloga clínica

Doutora em psicologia

Membro do laboratório RPPsy (Rennes, França)

Email: helene.toussaint@wanadoo.fr

Michel Grollier

Orcid: [0000-0001-6844-8897](https://orcid.org/0000-0001-6844-8897)

Psicanalista

Membro da Escola da Causa Freudiana e da Associação Mundial de Psicanálise (Paris, França)

Professor Emérito da Universidade de Rennes 2 (Paris, França)

E-mail: michel.grollier@univ-rennes2.fr

Resumo: O estado autista, enquanto distúrbio do contato afetivo, caracteriza-se por dificuldades no relacionamento interpessoal desde tenra idade. Já em 1943, Kanner observou em crianças autistas uma preferência pelo contato com objetos em vez de pessoas, mesmo as familiares. Partimos dessa observação para examinar a natureza do afeto. Este artigo se baseia em relatos biográficos de adultos autistas para estudar a relação com o afeto no autismo, ou seja, a relação do corpo com a linguagem, segundo a teoria psicanalítica lacaniana. Descobriremos que os indivíduos autistas são afetados pela linguagem, mas são incapazes de se engajar em sua enunciação para se dirigirem aos outros. Soluções por meio de objetos autistas, interesses específicos e/ou o duplo permitem que eles lidem com a ansiedade e construam uma fronteira para atenuar os efeitos da linguagem. Assim, os relatos biográficos descrevem o progresso na subjetividade de sujeitos autistas e a construção de um corpo que lhes possibilite a expressão de seus sentimentos.

Palavras-chave: Afeto; Autismo; Objetos autistas; Duplo; Corpo.

Retour à Kanner: l'autisme et le trouble du contact affectif: L'état autistique comme perturbation du contact affectif se remarque par les difficultés dans le lien à l'autre dès le plus jeune âge. Kanner, dès 1943, avait observé chez les enfants autistiques leur préférence pour le contact avec les objets plutôt que les personnes, mêmes familières. Nous partons de ce constat pour interroger ce qu'il en est de l'affect. Cet article se base sur des récits biographiques d'adultes autistes afin d'étudier le rapport à l'affect dans l'autisme, soit le rapport du corps au langage, selon la théorie psychanalytique lacanienne. Nous découvrirons que les sujets autistes sont affectés par le langage mais ils ne peuvent engager leur énonciation pour s'adresser à l'autre. Des solutions via les objets autistiques, les intérêts spécifiques et/ou le double leur permettent de juguler l'angoisse et de construire un bord pour tempérer les effets du langage. Ainsi, les récits biographiques font état d'un progrès dans la subjectivité des sujets autistes et la construction d'un corps vers une possibilité d'expression de leurs affects.

Mots clés: Affect; Autisme; Objets autistiques; Double; Corps.

Back to Kanner: autism and affective contact disorder: The autistic state, as a disturbance of affective contact, is characterized by difficulties in relating to others from a very young age. As early as 1943, Kanner observed in autistic children a preference for contact with objects rather than people, even familiar ones. We begin with this observation to examine the nature of affect. This article draws on biographical accounts of autistic adults to study the relationship to affect in autism, that is, the relationship of the body to language, according to Lacanian psychoanalytic theory. We will discover that autistic individuals are affected by language, but they are unable to engage their subjective enunciation to address to others. Solutions through autistic objects, specific interests, and/or the double allow them to manage anxiety and construct an autistic edge to temper the effects of language. Thus, biographical accounts report progress in the subjectivity of autistic subjects and the construction of a body towards a possibility of expressing their feelings.

Keywords: Affect; Autism; Autistic objects; Double; Body.

De volta a Kanner: autismo e transtorno de contato afetivo

Hélène Toussaint & Michel Grollier

Introdução

O autismo é frequentemente descrito como a marca de sujeitos que permanecem em certo isolamento em relação aos outros, mantendo-se centrados em interesses ou objetos de maneira solitária. Esses dois pontos foram identificados muito cedo por Kanner, médico de origem austríaca, diretor do serviço psiquiátrico infantil recém-criado em 1930 no hospital Johns Hopkins em Baltimore, nos Estados Unidos. Em 1943, ele publica, em um artigo inaugural intitulado *Autistic disturbances of affective contact*, a sintomatologia de uma nova síndrome que se diferenciará das síndromes descritas à época, como a demência infantil de Heller, a demência precocíssima de Sante de Sanctis ou o retardo mental. Ele aborda a clínica de onze crianças acolhidas, por meio da coleta de dados e do agrupamento de pontos em comum, para daí deduzir uma nova entidade nosográfica que denomina “autismo infantil precoce” (Kanner, 1944). Kanner destaca o distúrbio patognomônico: “a inaptidão das crianças para estabelecer relações normais com as pessoas e para reagir normalmente às situações desde o início da vida” (Berquez, 1983, p. 253). Essas crianças têm dificuldade para estabelecer relações com as pessoas, mas Kanner atribui-lhes de bom grado “boas possibilidades intelectuais” (Berquez, 1983, p. 261), observando-as minuciosamente ao manipular objetos, e assinalando seu vocabulário rico e sua importante capacidade mnemônica. Esse forte desejo de solidão e de imutabilidade, “*aloneness*” e “*sameness*” (Kanner, 1943, p. 249), é mobilizado, segundo Kanner, para protegê-los da presença desejante do outro em relação a eles, ao passo que mantêm boas relações com os objetos. Estes servem de proteção diante do outro e das mudanças no ambiente, mas também, como indica Kanner (1943), de “satisfação masturbatória orgásmica” (Berquez, 1983, p. 259). Assim, o gozo parece localizar-se no uso solitário dos objetos, mas não consegue traduzir-se em relação afetiva no vínculo com o outro.

O artigo visa desdobrar a particularidade da afetividade nos sujeitos autistas, considerando a importância dos objetos autísticos, dos interesses específicos e do duplo (Maleval, 2021) como lugar do vivente, lugar de um encontro possível com o Outro e de uma construção da imagem do corpo.

Os afetos: um desvio pelas origens

O estado autístico como perturbação do contato afetivo nos conduz a questionar o que é o afeto. O dicionário da Academia Francesa situa a origem latina do termo “afeto” em “*affectus*”, que significa “estado, disposição da alma” (Académie Française, s. d.). Essa definição ancora o afeto em um vínculo com a alma, isto é, com uma instância que pode ser caracterizada pelo espírito. A alma remete assim, na filosofia, à *psukê*, a psique. Com efeito, “a alma não poderia dizer-se — é isso que lhes escrevi — senão daquilo que permite a um ser — ao ser falante para chamá-lo por seu nome — suportar o intolerável de seu mundo, o que a supõe ser-lhe estranha, isto é, fantasmática” (Lacan,

1973/1999). A alma se refere assim ao desejo e ao vínculo com o Outro segundo Lacan. Reencontramos aí as paixões do ser, tais como o amor, o ódio e a ignorância, que Lacan desdobra em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, em 1958. As paixões do ser formam um engodo tal que o sujeito em falta-a-ser espera do Outro o que este não tem. As paixões do ser são, portanto, apelo ao Outro em uma dialética do desejo. Contudo, convém distingui-las das emoções: “Uma emoção, propriamente falando, é uma incidência direta, não transposta, que passa do pensamento ao corpo.” (Miller, 1985, s.p.). Assim, “uma emoção deve ser significada ao sujeito” (Miller, 2016, p. 108), isto é, ela depende de sua possibilidade de se dizer na língua do sujeito e diz respeito mais à adaptação do eu ao mundo. Ora, o afeto, diz Lacan (1974, p. 524), “É do pensamento que isso descarrega. Então o que se deve pesar é se minha ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem permite verificar mais seriamente o afeto”. O inconsciente é, portanto, muito mais do que a psique; é também uma relação ao corpo, como: “o inconsciente... é que o ser, ao falar, goze” (Lacan, 1973/1999). O afeto é veiculado pelos significantes e “o afeto advém a um corpo cuja propriedade seria a de habitar a linguagem” (Lacan, 1974, p. 527).

Ao contrário das emoções, em *Televisão*, em 1974, Lacan enuncia que os pensamentos chegam à alma pelo corpo: “Então, digo que o sujeito do inconsciente só toca a alma pelo corpo, ao nele introduzir o pensamento” (Lacan, 1974, p. 512). Assim, o pensamento em Lacan não é a alma; ele é “desarmônico” com a alma e lhe causa problemas sob a forma de sintomas. O corpo, por sua vez, é afetado pelas palavras e pelo pensamento que o recortam, como “uma tesoura”. O corpo simbólico recorta o corpo e o faz vivente, vivificado, tanto quanto o mortifica. Se a alma é perturbada pelos pensamentos e pelas palavras, essa alma pode relacionar-se ao corpo vivente. Miller (1985, s.p.) acrescenta que “O que faz o afeto é a estrutura enquanto incorporada”. Lacan (1966/2026), no *Seminário livro XIII, O objeto da psicanálise*, parece fazer coincidir a alma e o objeto *a*, objeto da psicanálise, entendido como objeto causa do desejo:

Se a alma — para retomar as coisas no ponto vivo onde cremos que a questão está resolvida — é uma entidade que tem alguma consistência, não é — digamos neste ano, na medida em que estudamos o objeto da psicanálise — não é que a alma seja algo que seja nem a sombra do corpo, nem sua ideia, nem sua forma, mas que seja, propriamente falando, o que dele cai: resto, queda... é o que, do corpo, cai sob o cutelo de algo que se produz como efeito do significante.

Podemos entender aqui a alma no sentido do sujeito, mas também do *fallasser* e do corpo vivificado pela linguagem. Disso testemunha o título do livro autobiográfico de Birger Sellin: *Uma alma prisioneira* (1994). Estudar a relação à linguagem e ao corpo no autismo conduz à questão da afetividade, não a partir do ser, mas a partir do que produz sobretudo as paixões da alma no autismo, a partir da pulsão. O autismo como “estatuto nativo do... *fallasser*” (Miller, 2021, p. 25) orienta para

uma ética do real do gozo. Nesse sentido, as paixões da alma em conexão com uma “separação da cadeia significativa” é mais apropriado, pois “o que ressalta é a relação do sujeito com sua alma, com seu a, com seu próprio modo de viver a pulsão...” (Koretzky, 2016, p. 78).

Os objetos autísticos, interesses restritos e duplos, como três encarnações possíveis da borda, não constituem, portanto, paixões no sentido lacaniano do termo, pois não estão alojados em uma dialética com o Outro que implique a falta. Podem, contudo, constituir passarelas de um gozo autístico em direção a uma certa possibilidade de encontrar o Outro da linguagem e a expressividade dos afetos.

Donna Williams: um preâmbulo à questão dos afetos no autismo

A dimensão afetiva é sem dúvida o que aparece em primeiro plano no autismo e de forma muito precoce. Para retomar os termos de Kanner, o sujeito autista se apresenta com perturbações do contato afetivo. Essas perturbações se notam no bebê em risco autístico quando ele manifesta ausência de resposta ao chamado de seu nome, fuga do olhar, resistência aos abraços, balbúcio pobre e monótono, atraso na entrada na linguagem e comportamentos repetitivos. Parece que a criança autista se aprisiona em uma bolha de proteção ou em outro mundo. Iremos explorar o escrito biográfico de Donna Williams, autista de alto funcionamento, em seu livro escrito em 1992, aos vinte e nove anos, intitulado em francês *Si on me touche je n'existe plus* (Williams, 1992), mas cujo título em inglês revela mais a realidade de sua vivência: *Nobody, Nowhere, Ninguém, em lugar nenhum*. Ela escreve no último capítulo de seu livro, oferecendo aos leitores uma espécie de explicação da vivência autística, e que a relação ao afeto é certamente sua causa: “Creio que, no caso do autismo, é o mecanismo que controla a afetividade que não funciona corretamente” (Williams, 1992). Ela prossegue em um ponto que destacaremos neste artigo: que “O corpo não é afetado por isso, e as capacidades intelectuais permanecem normais” (Williams, 1992, p. 292), descrevendo as pessoas autistas como “seres humanos secretamente aprisionados em uma afetividade mutilada” (Williams, 1992, p. 294). Veremos, porém, que os sujeitos autistas são afetados pela linguagem, mas que esta não pode fazer corpo: Donna Williams relaciona esse ponto à implicação pessoal e emocional incluída na troca com o outro. Ecos da vida de Donna Williams serão evocados com a autobiografia de Sean Barron, adulto autista americano nascido em 1961, a partir de seu livro autobiográfico escrito com sua mãe: *Moi, l'enfant autiste* (Barron, 1995).

É importante notar que não é tanto a presença isolada do outro que gera uma reação de proteção no sujeito autista, mas sim o outro enquanto se ocupa dele e o faz entrar em uma dinâmica desejante e de troca. Lacan era muito preciso sobre esse ponto em sua *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, em 1975, precisando que as crianças autistas “não conseguem ouvir o que você tem a lhes dizer enquanto se ocupa delas” (Miller & Lacan, 2017, p. 17). Donna Williams o diz com suas palavras: “A compreensão das palavras é inversamente proporcional à importância do traumatismo provocado pelo medo de ter uma relação direta” (Williams, 1992, p. 299). Assim, a relação direta se

apresenta para ela como a causa de sua defesa autística e a possibilidade maior ou menor de estabelecer uma comunicação com o outro. Quanto mais se sente interpelada, menos pode responder, exceto fazendo prova de certa “dissimulação” em relação ao seu espírito, fazendo-o “acreditar que: 1) o que ela tem a dizer não tem nenhuma importância emocional... 2) que aquele que a escuta não poderá alcançá-la nem detectar suas intenções através das palavras que emprega” (Williams, 1992, p. 298).

A dimensão afetiva relatada por Donna Williams está diretamente vinculada ao traumatismo que ela evoca, ligado à dimensão da demanda do outro, ou seja, à dimensão da fala enquanto convocada a respondê-la. A esse respeito, ela precisa: “Fundamentalmente, a solução que eu havia encontrado para reduzir a sobrecarga afetiva e permitir assim minha própria expressão consistia em combater a favor, e não contra a separação entre meu intelecto e minhas emoções” (Williams, 1992, p. 293). E ela esclarece que “Não eram tanto as palavras das pessoas que me causavam problema, mas sua expectativa de uma resposta minha” (Williams, 1992, p. 20).

Donna Williams opera uma cisão entre fala e pensamento a fim de se expressar com o mínimo de marca subjetiva possível. A enunciação perturba e invade Donna Williams com emoções intensas e catastróficas. Ela reduz então sua tomada de palavra a uma série de fatos sem a presença de suas emoções, sem a presença do que a afeta, para se proteger dessa invasão. Ela responde “como um robô” com essa “vontade inconsciente de escapar de [sua] prisão afetiva” (Williams, 1992, p. 294). Esse estado experimentado traumáticamente ligado ao afeto se especifica com os afetos de contato principalmente: “as emoções mais suaves, as sensações mais calorosas podem me matar, ou ao menos me fazer sofrer” (Williams, 1992, p. 294). Ela experimenta “um suicídio sensorial” que faz ouvir o quanto esse trauma é real. Maleval sublinha a esse respeito que “É para separar o intelecto de seus afetos que a criança autista se conecta tão frequentemente a uma máquina: ela faz a si mesma acreditar que a fonte do vivente está nessa máquina e que ela mesma não sente nada” (Maleval, 2021, p. 262). O negativismo observado muito cedo por Lacan no caso do pequeno Dick acompanhado por Klein (Klein et al., 1968) mostra que o sujeito autista se expressa mais pelo recusa do que por um sim ao outro.

Não se comprometer com os significantes no autismo

Retornar ao conceito de pulsão permite apreender a trajetória bloqueada do afeto no autismo. Em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1987, p. 83) indica que a pulsão não designa nada além de “a representância psíquica de uma fonte endossomática de estimulações, fluindo de forma contínua, por oposição ao estímulo”. A pulsão situa-se, portanto, em um nível separado do corpo como “a demarcação entre o psíquico e o somático” (Freud, 1987, p. 83). A pulsão origina-se de uma força constante e contínua, ao contrário das necessidades vitais que aparecem por crise e descontinuidade. Lacan deduz esse desligamento da pulsão em relação ao corpo e não atribui, portanto, a pulsionalidade ao corpo biológico.

Retornemos também ao artigo de Freud intitulado *O inconsciente*, em *Metapsicologia* de 1915, a fim de apreender esse vínculo tão estreito entre afeto e linguagem. Freud aborda aí os sentimentos inconscientes e, mais particularmente, o conceito de pulsão, para se perguntar se uma moção pulsional poderia ser dita inconsciente. A isso, ele responde que a pulsão não pode ser consciente e que somente sua representação o pode; mas acrescenta também: “Se a pulsão não estivesse ligada a uma representação ou se não aparecesse sob a forma de estado de afeto, nada poderíamos saber dela” (Freud, 1915/2002, p. 82). Assim, a pulsão se faz representada seja por aquilo que Lacan denominará um significante (uma representação), seja por um estado de afeto. O recalque neurótico consiste, portanto, em dissociar a representação e o afeto, ambos seguindo destinos diferentes. A representação incômoda é recalcada, enquanto o afeto aguardará uma nova conexão com outra representação. O afeto não pode ser recalcado; ele se desloca. Todavia, Freud precisa que, se o estado de afeto não estiver ligado a uma representação, ele se transforma em angústia.

Assim, o afeto está ligado à pulsão; ele é seu efeito. Se retomamos o matema que Lacan propõe da pulsão no grafo do desejo, a saber ($\$ \diamond D$), constatamos que, pela demanda que formula ao Outro, portanto pelo uso da cadeia significante, o sujeito se vê dividido, em falta. A pulsão é essa força constante que impele o sujeito a satisfazer-se por meio de um objeto que tenta obter no campo do Outro, objeto sempre já perdido e mítico, mas que constituirá a causa de seu desejo.

No *Projeto*, Freud (2005) desdobra a experiência de satisfação no curso da qual o infans, incomodado por necessidades fisiológicas tais como a fome, a sede etc., deve passar por um grito, como descarga, a fim de que o outro de “boa vontade” possa trazer uma ação específica. O grito do infans é assim interpretado e inscrito como apelo, como um significante recebido pelo outro que, em retorno, propõe um objeto de satisfação ou um significante novo vindo responder-lhe. Pela repetição desse circuito de satisfação, o infans guarda em memória representações das ações específicas recebidas, que serão traços mnêmicos que poderá ressolicitar à aproximação da necessidade seguinte. O infans poderá reiterar esse grito para satisfazer suas necessidades. O grito se tornará então um apelo ao Outro, a partir de uma falta inaugural. O grito que se transforma em significante implica, portanto, passar por uma inscrição do sujeito no campo do Outro e, pelo mesmo caminho, aceitar as incertezas e a mobilidade de sua tradução. O campo do simbólico está, com efeito, provido de equívocos, de múltiplos sentidos possíveis, pois um significante S1, um significante primeiro, só toma seu sentido em sua relação ao saber do Outro, portanto a um outro significante S2, este último podendo mudar e variar. Em Donna Williams, observamos uma impossibilidade de apelar ao Outro simbólico, a um S2 vindo representar o sujeito para um outro significante, ou então de tentar responder a essa falta central por um significante vindo velá-la. Donna Williams nos diz: “Se me fosse preciso fazer perguntas, eu as fazia no vazio, em geral, me dirigindo ao ar” (Williams, 1992, p. 87).

A dimensão pulsional se acompanha igualmente de uma dimensão de perda ao nível do corpo. Essa perda se dá no corpo do infans ao nível de zonas erógenas que formam bordas ao redor de furos. O seio, as fezes, o falo, o olhar ou a voz são objetos pulsionais cedíveis, que se destacam do

corpo e dos quais o sujeito há de se separar como objetos de troca com o mundo. Todavia, para um sujeito que se inscreve em um circuito de demanda com o Outro, “nenhum objeto de nenhum “Not”, necessidade, pode satisfazer a pulsão... o objeto na pulsão não tem nenhuma importância” (Lacan, 1973a, p. 153), pois o objeto causa é já irremediavelmente perdido e só poderá ser substituído por outros objetos (o alimento, o dinheiro etc.). O objeto *a*, causa do desejo, não será senão oco, vazio, ao redor do qual a pulsão fará o contorno por uma montagem. O sujeito não deixará de procurá-lo no Outro. É esse contorno pelo Outro que está bloqueado no autismo por uma retenção dos objetos pulsionais. O sujeito autista não consente na separação do objeto *a* e o mantém colado ao corpo. O sentimento de mutilação real no corpo relatado por Donna Williams (1992, p. 40) reflete esse fenômeno:

Eu queria me comunicar. Queria expressar e manifestar algo, desvencilhar-me de meu enclausuramento pessoal. Haveria sim um meio de fazer ceder rapidamente a angústia, mas pagando por isso com a perda de toda consciência de mim mesma e de meu entorno.

Os sujeitos autistas conservam o objeto *a* colado ao corpo, não separado. A fuga do olhar ou a experiência de Donna Williams com o momento do aparecimento de Carol demonstram a ausência de cessão do objeto pulsional. Laznik (2016) evidencia na gramática da pulsão o fracasso no autismo do terceiro tempo pelo “se fazer”. Lacan (1973a, p. 178) nos diz que se trata da instauração do circuito pulsional: “Enquanto que o se fazer ver indica-se por uma seta que verdadeiramente retorna ao sujeito, o se fazer ouvir vai em direção ao outro”.

Para encontrar um apoio nesse momento de *fading*, de queda diante da incompletude dos significantes no Outro, o sujeito apela, portanto, a um objeto, um objeto que constitui uma parte de si mesmo, no vertente imaginário, objeto *a*, para tentar responder ao que vale por um fantasma (\$ ◇ *a*). Esse objeto *a* estará também ancorado no corpo, nas bordas pulsionais, como objeto parcial, colorindo o modo de relação do sujeito com o Outro, mas também a maneira pela qual “ele goza dos objetos do mundo” (De Georges, 2013, p. 12). O fantasma é, portanto, uma proteção do sujeito diante do desejo do Outro, enigmático e real. Sem o recurso ao aparelhamento fantasmático e, portanto, à separação, Donna Williams se confronta diretamente com o desejo do Outro, vivenciado como angustiante porque todo-poderoso, não descompletado.

Em seu último ensino, Lacan traz uma nova dimensão ao significante. Este, além de ser assassinato da coisa e permitir o agenciamento e o encadeamento de toda a cadeia significativa que dá sentido, é também traço e marca de gozo que vêm perturbar o corpo: “o significante se situa ao nível da substância gozante... O significante é a causa do gozo” (Lacan, 1973/1999, p. 34). No mesmo Seminário, Lacan prossegue precisando que “a lalíngua nos afeta antes de tudo por tudo o que comporta como 'efeitos' que são 'afetos'” (Lacan, 1973/1999, p. 176). Ao introduzir o termo de lalíngua, Lacan inscreve na linguagem o que ela veicula de gozo e provoca os afetos. O *falasser* é

assim marcado pela lalíngua que recebe, “a lalíngua dita materna” (Lacan, 1973/1999, p. 174). Esse termo, Lacan quis o mais próximo possível da palavra francesa *lallation* (Miller & Lacan, 2017, p. 12), pois

É completamente certo que é na maneira pela qual a língua foi falada e também ouvida por tal ou qual em sua particularidade que algo em seguida ressurgirá em sonhos, em todo tipo de tropeços, em todo tipo de maneiras de dizer. (Miller & Lacan, 2017, p. 12).

A esse título, os sujeitos autistas são seres falantes, *falassers*, pois não são insensíveis à linguagem. Ao contrário, nos diz Lacan (2001a, p. 367):

Mas o que peço [...], é sim ou não se uma criança que tampa os ouvidos, nos é dito, a quê? a algo que está se falando, não está já no pós-verbal, uma vez que é do verbo que ela se protege.

Maleval (2021) precisa que as crianças autistas têm um balbucio que permanece pobre, monótono, não suscitando o vínculo com o Outro. Ordinariamente, o balbucio já está “aguardando uma nomeação pelo Outro da sensação que aí se prende” (Maleval, 2021, p. 150). Logo, a lalíngua dos autistas permanece pobre e observa-se uma evitação ao nível de uma nomeação ou de uma simbolização pelo Outro desde os primeiros meses de vida. Todavia, os sujeitos autistas são afetados pelos efeitos de gozo da lalíngua.

O traumatismo do furo na linguagem

Se o sujeito autista está bem na linguagem, uma vez que dela se protege, então, como todo ser falante, tem de lidar com o traumatismo da língua. Esse traumatismo é o impacto da lalíngua sobre o corpo que deixa traços, e Miller (2000, p. 36) acrescenta que “a afecção essencial é a afecção traçante da língua sobre o corpo”. O traço provocado pelo significante primeiro, o S1, é troumatizante. Ele faz furo e traço no corpo, perturbando-o assim pelo gozo associado ao significante Um: “o Um encarnado na lalíngua é algo que permanece indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, ou mesmo todo o pensamento. É disso que se trata no que chamo de significante-mestre” (Lacan, 1973/1999, p. 182). Não são, portanto, as emoções que perturbam o sujeito em sua relação ao outro, mas sim, em primeiro lugar, essa relação de afetos vinculada à linguagem. Em 1974, Lacan pronuncia estas palavras em uma conferência em Nice:

Os pretensos afetos não testemunham, de fato, senão a afetação daqueles que deles falam. O que provoca a emoção? Acreditam que é porque as vísceras se movem? Do quê elas se movem? Elas se movem de palavras. Não há nada que afete, como se diz, mais aquele que

qualifiquei de ser falante. (Lacan, 1974/2015, p. 151)

O significante afeta, portanto, o corpo que é perturbado, movido e mesmo penetrado por esse real que o golpeia. O significante tem a ver com o simbólico, mas carrega também efeitos reais sobre o corpo, e notadamente esse efeito de furar o corpo por uma extração de pedaço de corpo: “a linguagem está ligada a algo que no real faz furo” (Lacan, 1974/2005, p. 31).

Esse impacto traumatizante deixará o sujeito diante de um furo no saber, um irrepresentável, que haverá de simbolizar por meio de significantes da língua e do Outro que formarão a borda do furo. No *Seminário livro XXI Os não-tolos erram*, Lacan (1973b) permanece muito humilde quanto às invenções que cada ser humano encontra para bordejar esse furo e velá-lo: “Mas todos nós sabemos, porque todos inventamos um truque para preencher o furo no Real. Lá onde não há relação sexual, isso faz 'traumatismo'. Inventa-se! Inventa-se o que se pode, claro” (Lacan, 1973b, s.p.). Na maioria das vezes, o amor vem velar esse não-*rapport* entre os sexos, ou seja, esse não-*rapport* direto entre seres humanos habitados pelo único meio de que dispõem para se ligar, que é a linguagem. Só por fenômenos linguageiros que afetam o corpo é que pode se realizar um encontro. O impacto de gozo do significante faz furo e coloca à luz esse não-*rapport* sexual que não pode se escrever. Mas sem recurso possível, no autista, a um significante para representá-lo junto a um outro significante, esse furo não será simbolizado por uma resposta mista de simbólico e de imaginário como no fantasma, mas permanecerá com estatuto de furo real, sem borda.

Não é, portanto, em vão que Lacan, em seu *Seminário livro X A angústia*, nos dá a ler que o afeto de angústia se prende ao real:

temos a buscar na angústia o que não engana. Não é dizer que o real esgota a noção do que visa a angústia. O que visa a angústia no real, aquilo em relação ao quê ela se apresenta como sinal, [...] — se me é permitido dizer — 'a divisão significante' (Lacan, 1963/2004).

A angústia é um afeto-sinal do real, entre gozo e desejo.

O furo

Sem o recurso à alienação ao significante-mestre e à separação como processos subjetivantes, o sujeito autista permanece petrificado sob um significante tomado em massa, com seu vertente tirânico e imperativo, um significante-todo-sozinho. O risco de desaparecimento de que fala Williams é a tradução real da exclusão do campo do Outro simbólico que a reenvia imediatamente à não-representação, ou seja, a um furo mortífero. Esse furo, ela o nomeia o “Grande Nada Negro” (Rey Flaud, 2008).

Em seu livro intitulado *Autismo e psicose da criança*, Tustin (1982) desdobra o tratamento de John, um paciente de três anos e sete meses, que ela acompanhou até seus seis anos e meio (de

1952 a 1954). John sofre de autismo infantil precoce e seus pais não relatam nenhum traumatismo em sua infância que pudesse explicar esse massivo retraimento da relação em seu filho. John manifesta, contudo, momentos de angústia maciça durante as separações, e Tustin testemunha a tomada direta no corpo de sentimentos que “o sujeito experimenta [e que] parecem ser para ele entidades físicas” (Tustin, 1982, p. 31). Com efeito, tão logo uma situação implique a quebra de um objeto ou a separação de John com Tustin ou um objeto de seu corpo (como suas “*puanteurs*” que designam suas fezes duras ou o botão que designa o mamilo do seio), ele expressa essa sensação de buraco negro em sua boca: “botão quebrado! maldito buraco negro!” (Tustin, 1982, p. 26). Tustin confirma que “A dor causada pela perda parecia mais corporal do que mental” (Tustin, 1982, p. 32) e podemos acrescentar que o desaparecimento de um objeto não pode ser simbolizado pelo uso de um significante que o represente, deixando um buraco negro, um vazio real não simbolizado, ao qual a criança se confronta. Com efeito, o sentimento de que algo continua a existir prende-se à dimensão simbólica de tomar a cargo por uma representação o objeto ausente, seja o sujeito ou o outro. No autismo, na falta de discontinuidade possível pelo uso dos significantes, em experiências de *fort-Da*, a separação confronta a criança autista a um buraco negro.

Na ausência de furo simbólico, o furo real sem borda do autista testemunha uma trajetória pulsional na qual o objeto *a* não consegue destacar-se do corpo para se alojar no campo do Outro. Assim, o gozo e a percussão da linguagem que faz furo não se articula ao simbólico para aí extrair o objeto e pô-lo em circulação. O furo real forma um abismo ou seu avesso, um estreitamento que sufoca e angustia. Donna Williams fala disso muito bem como “de um furo sem borda [que] se fecha sobre o vivente de seu ser como pura presença da morte” (Laurent, 2012, p. 84). Ela descreve seu caminho de vida “crivado de buracos negros por toda parte onde colocávamos os pés. Poderíamos cair em cada um deles a cada passo, em uma queda que nos teria parecido com certeza como uma espécie de morte definitiva” (Williams, 1992, p. 271). Na ausência do ser, a angústia de morte ou a perda de vida torna-se demasiado próxima. Da mesma forma que Sean Barron (1995), que não podia simbolizar o espaço entre a superfície e o fundo da piscina e estava aterrorizado com a ideia de que a piscina o aspiraria para as profundezas. O que permite medir o mundo é um acesso ao simbólico que abre sobre o campo do espaço do Outro, mensurável, pois preso na significação fálica onde existe a falta e uma certa distância possível com o objeto. No caso do autismo, o recolhimento do furo sobre o corpo é um fenômeno clássico que provoca o afeto de angústia, sinalizando a ausência de separação, onde o espaço não furado se volta sobre o corpo sem borda (Laurent, 2012, p. 86).

Sean Barron evoca várias etapas de tratamento do furo pela verificação das bordas e do fundo: “Eu adorava jogar lápis nos aquecedores. Era fascinado pelos buracos que havia neles... Eu queria a todo custo saber onde terminava esse buraco, qual era o comprimento do conduto e o que havia no fim” (Barron, 1995, p. 28). Mais tarde, Sean Barron explora sistematicamente o buraco situado em um nó do piso de taco de um cômodo de sua casa. Ele precisava traçar repetidamente o contorno com o dedo para medir sua espessura e colar o olho para observar o porão embaixo sobre o

qual dava. Mas o olho não percebe a distância por falta de cessão do objeto pulsional: o colamento do olho ao furo o anula, pois o objeto aí se recola de novo. Ele tenta então medir a distância com o dedo. Encontramos aqui o que Laurent (2012, p. 77) diz a respeito do autismo e de um espaço topológico “que anula a distância”, colocando em continuidade o interior e o exterior. Essas experiências repetitivas são uma tentativa de manter um furo cuja ausência provoca a angústia.

As falas de Donna Williams e de Sean Barron remetem a uma experiência não simbolizada nem imaginizada em um primeiro momento; é um real puro, topológico. Só mais tarde Donna Williams encontrará uma solução pela imagem a fim de bordejar o furo real. Donna Williams nos diz várias vezes em seu livro que deve encontrar “uma passarela”, “uma ponte”, para saltar por cima ou atravessar o furo que a separa dos outros.

Uma evolução possível da afetividade via os objetos-borda

Em seu livro autobiográfico, Donna Williams testemunha uma preciosa bússola para apreender a função de lugar vital que reveste a borda constituída principalmente no autismo de coisas, objetos ou personagens imaginários. Tais como Willie e Carol, Donna Williams constrói uma borda por meio de duplos que constituem um litoral para o gozo. Ela testemunha assim: “Foi no mundo dos objetos que emergi quando comecei a retomar o gosto pela vida” (Williams, 1992, p. 73) ou, “eu só me engajava e me comprometia com as coisas, nunca com as pessoas” (Williams, 1992, p. 89). Os objetos e as coisas concretas ou imaginárias parecem mais à mão da pessoa autista, criando assim um lugar-passeira entre ela e o Outro possível. A alienação a uma borda, ou uma alienação retida (Maleval, 2021, p. 83), seria portanto uma solução autística em falta da alienação significativa própria, no campo do Outro. A concretude das coisas permite aí alojar o objeto *a* ao alcance das mãos, mas suficientemente separado do corpo para se aliviar do excesso de gozo da língua e da perda que ela implica para uma enunciação subjetiva. A borda é terra de litoral, terra que acolhe o gozo pulsional em jogo na troca linguageira. Ele acolhe e indexa os furos pulsionais (a boca, o ânus, o olhar e a voz) e pode ser o lugar de seu tratamento como “em-forma do objeto *a*” (Maleval, 2021, p. 233). Maleval e Grollier (2015) precisam que a borda autístico isolante evolui do uso de um objeto tapa-buraco a “um captador do gozo pulsional: permite dominá-lo e protege do desejo do Outro”. Com efeito, o aparelhamento da borda não cai, mas localiza o gozo e o mantém suficientemente à distância do corpo para que o sujeito autista possa sentir-se ao mesmo tempo protegido e dinamizado. Soler (2002) testemunha isso como “doença da libido” no autismo. A fixação libidinal do autista não permite a trajetória que passa pelo Outro e a extração de um objeto pulsional a fim de inscrevê-lo em um vínculo de demanda e depois de desejo. O autista exhibe então uma hebetude do corpo, uma inércia, que pode em seguida passar a um corpo autômato e posto em movimento por um objeto ou um duplo. A borda é frequentemente constituída de objetos autísticos, de duplos ou de interesses específicos, podendo às vezes estar intrincados uns nos outros, funcionando como um lugar de dinâmica, aparelhando a linguagem e o corpo, fazendo deste um corpo vivo. É por meio de Willie e

Carol que Donna pôde expressar-se.

Willie apareceu quando ela tinha dois anos e se representava como «um par de olhos verdes brilhando na escuridão». Donna Williams encarnou essa personagem e tornou-se Willie, cujo nome é um diminutivo de seu sobrenome. Willie encarna o objeto pulsional do olhar, não separado de Donna Williams, mas que pela encarnação dessa representação imaginária parece instaurar uma distância em relação ao seu corpo, uma espécie de extração. Carol é a segunda personagem imaginária de Donna Williams. Carol nasce do espelho e particularmente da imagem como outro que Donna Williams vê no espelho de seu quarto. Vemos aqui o fracasso da experiência de constituição da imagem do corpo no espelho. Donna Williams não se vê; o plano do espelho abre sobre um outro espaço atrás, onde se encontra Carol. A imagem é tratada como outro, sem reconhecimento por Donna Williams de sua imagem. Ela se cola a Carol, em uma relação de aderência, sem passar por uma identificação a um significante-mestre que lhe daria uma base simbólica e uma certa distância em relação a essa imagem. Na experiência do estádio do espelho, Lacan mostra o quanto o simbólico aí desempenha um papel operante, fazendo entrar o pequeno homem na linguagem, por uma nomeação e atestação de sua presença por um Outro diante dessa imagem no espelho. Donna Williams, ela, está sozinha e não apela ao Outro diante dessa imagem que, antes de ser admitida como duplo, contém sua parte de estranheza, irreal: «Carol vivia em outro mundo, nessa casa que era a dela. Eu tanto queria estar lá». Ela imagina a vida de Carol, encontrada imaginariamente no parque enquanto brincava no balanço: a família de Carol é doce e acolhedora, ao inverso da sua. Donna Williams percebe que essa falta de afetividade a concerne e decide viver a vida de Carol, colada à sua imagem e à sua vitalidade imaginária, a fim de superar o que sentia como “uma resistência interior incontável que [a] impedia de aceder ao mundo em geral” (Williams, 1992, p. 41). Donna Williams enuncia claramente a função de suplência à imagem do corpo que representa Carol:

minha simples existência física me causava um problema... Não havia confiado a ninguém que me atribuía o nome de Carol... O medo de trair o segredo resumia-se ao medo de largar a presa sobre o mundo de Carol. Esse frágil apoio em seu mundo era a única evasão possível de minha prisão interior. Eu havia criado um eu diferente daquele que estava entravado e paralisado pelas emoções (Williams, 1992, pp. 41-42).

A função de duplo é para Donna Williams salutar a fim de se fazer um corpo gozante e vivente. Ela pode expressar coisas suaves com outrem, ao passo que lhe é impossível suportar contatos afetivos calorosos de outra maneira. É interessante constatar que é preciso primeiro Willie como personagem-duplo permitindo uma extração do objeto olhar antes que possa se constituir Carol no plano imaginário, ajudando Donna Williams a suportar a perda que reclama a entrada no simbólico, mas ao preço de uma mortificação suplementar para Donna: “Era minha vida, na qual me era preciso eliminar tudo o que se assemelhava a emoções pessoais e ao mesmo tempo fazer desaparecer

Donna” (Williams, 1992, p. 42). Os fatos pessoais se expressam pela intermediação do duplo de Carol, mas ao preço de uma mutilação psíquica de Donna Williams, privando-a de uma relação alienante e vivificante à linguagem: “Eu podia dizer o que pensava, por trás do biombo de Carol ou Willie, contudo, mas não o que sentia” (Williams, 1992, p. 89). O duplo tem uma função de suporte à imagem do corpo e à tomada de palavra, mas essa solução tem um preço devido à não-cessão de um objeto de gozo, notadamente a voz. Sem o duplo, Donna Williams exibia uma “fria objetividade” para contrariar suas emoções. Esses fenômenos foram descritos por Maleval sob o nome de língua factual no autismo, frequentemente presente nos autistas de alto funcionamento e permitindo “uma simples apresentação das coisas, sem implicação da voz enunciativa” (Maleval, 2021, p. 130). Ela adotava igualmente uma maneira de falar “delirante”, isto é, de forma logorreica, “sem pé nem cabeça”, “com um ar destacado e fortuito” para expressar, disfarçadamente, coisas muito pessoais. Donna Williams recorre também a uma língua verbosa (Maleval, 2021, p. 111) cuja sonoridade das palavras lhe proporciona um envelopamento sensorial apaziguador, em um gozo solitário: “Era muito boa em leitura em voz alta. Era para mim a ocasião de escutar com deleite o som de minha própria voz de uma forma socialmente mais aceitável do que o habitual” (Williams, 1992, p. 49). Esse gozo autístico vem abonar o sentido do que Kanner denominava “gozo orgástico masturbatório”. O exemplo é aqui muito instrutivo para fazer a ligação entre o distúrbio do contato afetivo e a linguagem. Donna Williams mostra que o afeto é o que da linguagem impacta o corpo, nele faz furo, divisão subjetiva, do que o autista se protege.

Sean Barron fala disso em termos quase idênticos. Primeiro um uso da linguagem composto do Um de gozo iterativo (um enxame de S1) compacto, e depois um uso das palavras testemunhando um degelo do significante-mestre (Maleval, 2021, p. 213) conectando o gozo e a linguagem:

Na época [no equivalente ao oitavo ano escolar], eu não era capaz de expressar o que sentia com palavras... Ignorava que as palavras podiam servir para isso. Para mim, a linguagem não era senão uma extensão de minhas obsessões, um instrumento a serviço de meu gosto pela repetição (Barron, 1995, p. 222).

No ensino médio, Sean Barron (1995) percebe que devia “proteger o ser que estava em [si] e que tanto desejava sair; era preciso ser muito cauteloso”. Com o apoio da relação com sua irmã Megan, ele tentou a expressão verbal de um afeto de alegria diante de uma amiga dela, dizendo-lhe “feliz em te conhecer”. Um evento se produziu em Sean Barron, que ele qualifica de uma “explosão” que lhe havia permitido pronunciar essas palavras. Foi um evento de corpo, “a cabeça girou” diz ele, mas “tinha ido bem” (Barron, 1995, p. 266). Uma perda de gozo se efetua por essa “explosão” do corpo e faz furo, vacilação, sinal de seu estado de alma, ou seja, de uma enunciação subjetiva mais em conexão com seu ser. Sean Barron apoia-se em sua irmã como duplo para aceder a essas experiências com o Outro: “Minha irmã Megan e eu somos muito unidos e não tenho segredos para

ela" (Barron, 1995, p. 310). Megan, que tem dois anos a menos do que Sean, dedica-lhe uma atenção constante, sem demanda de retorno nem rancor, e o convida a engajar-se em relações sociais com seus amigos. Ela o acompanha, brinca com ele desde a pequena infância e o apoia, como seus pais, em suas experiências, operando um "suave forçamento" (Di Ciaccia, 2005) para convidá-lo a superar "seus medos". Megan serve de passarela entre Sean e os outros: "Essa ponte é um duplo, maquínico, animal ou humano, sobre o qual o sujeito desvia seu gozo, para se proteger de engajar seu desejo" (Maleval, 2021, p. 322). A decisão de Sean Barron de se desprender dessa borda para enunciar um dizer de si mesmo consiste em consentir a uma cessão do objeto pulsional, notadamente a voz, a fim de testemunhar um prazer em sua relação ao Outro que faz afeto. Miller precisa que "o afeto quer dizer que o sujeito é afetado em suas relações ao Outro" (Miller, 2016, p. 108). No caso do autismo, vemos que esse prazer é constitutivo de um corpo gozante e de um degelo momentâneo do efeito-sujeito. Todavia, Sean Barron, como Donna Williams, sente a necessidade de uma estruturação bem ordenada do mundo, sem a qual o aleatório e o imprevisível permanecem angustiantes, notadamente no caso das relações humanas que se ancoram na equivocidade da linguagem e na dependência dos contextos. Além do lugar dos duplos como borda, os sujeitos autistas têm uma inclinação pelos objetos concretos e seu ordenamento a fim de estruturar um mundo imutável. A necessidade de repetição das sequências de comportamentos ou de palavras de forma idêntica evidencia um gozo excessivo ligado a esses objetos autísticos ou a esses rituais. O matema do autismo proposto por Miller dá conta das consequências da forclusão do significante-mestre que engendra uma multiplicação de S1 todos-sozinhos em uma justaposição fora-de-sentido, mas compensando o caos: (S1)0 → S1 S1 S1 S1... O significante-mestre (à esquerda) sendo forcluso, segue-se uma multiplicação dos S1 todos-sozinhos (à direita) em um enxame de S1 que iteram.

Donna Williams apoia-se nos objetos e no saber que desenvolve a seu respeito a fim de se conectar à máquina da linguagem e tentar estabelecer vínculo com o Outro. Ela explica seu gosto pelas coisas inanimadas, que têm a propriedade de estar a seu domínio, de não mudar o tempo todo, de ter uma certa imutabilidade: "Minha curiosidade podia parecer repetitiva e carecer de criatividade, mas era minha maneira de retomar o gosto pelo que me cercava" (Williams, 1992, p. 76), "Eu simplesmente buscava um mundo de coerência bem provido em referências fixas" (Williams, 1992, p. 77). Ela se apaixonou por atividades de classificação de livros, contagem de nomes na lista telefônica etc. Sem a cadeia significante e suas possibilidades de substituição e de metáfora, o sujeito autista se empenha em construir uma língua de significantes todos-sozinhos em uma relação de justaposição e de fixidez das regras, tal que uma palavra remete a um referente ou um comportamento oriundo de um contexto deva se repetir de maneira idêntica a cada vez. Sean Barron evoca essa relação privilegiada aos objetos em condutas on/off, de aparição/desaparecimento. Nenhum significante vem aí articular-se para simbolizar o objeto ausente; antes, a imagem ou a relação sensorial com o objeto ocupa um lugar preponderante:

Cada vez que eu acendia uma luz, eu sabia o que iria acontecer... Eu sentia um imenso sentimento de segurança porque era sempre igual... As pessoas me irritavam. Eu não sabia para que serviam nem o que iriam me fazer. Elas não eram sempre iguais; com elas, eu não me sentia nada seguro (Barron, 1995, p. 34).

O uso do signo em lugar do significante não dá a possibilidade de se ajustar e de experimentar afetos, mas é um referente fixo e imutável: "A inaptidão do signo para se incorporar e cifrar o gozo coloca o sujeito autista em grande dificuldade para interpretar seus afetos" (Maleval, 2021, p. 318).

Sean Barron se diz senhor dos objetos e não suporta nenhuma mudança, buscando certezas nas coisas concretas. Os objetos autísticos são, portanto, uma forma de proteção e de tratamento. Com efeito, o objeto autístico, que pode se encarnar em objetos para girar, em gestos ou palavras repetitivos, nem sempre é um encapsulamento ou uma concha de proteção. Tem propriedades mais complexas e notadamente a de constituir uma borda podendo acolher o gozo em excesso fora do corpo e fazer-se "pseudópodes" (termo de Kanner citado por Maleval, 2021, p. 232) em direção ao mundo exterior. O objeto autístico e sua manipulação trazem um efeito de esvaziamento do gozo, um efeito calmante e tranquilizador para os sujeitos autistas. Muitas crianças autistas precisam de momentos sozinhas, sem solicitações externas, com seus objetos, a fim de se recarregar e encontrar um apaziguamento do corpo. Os sujeitos autistas encontram frequentemente interesses específicos que os apaixonam e permitem igualmente jugular a angústia. No caso de Sean Barron, aos nove anos, ele foi apaixonado pelas placas de matrícula, pelas antenas de televisão e pelos indicativos de estação de rádio. Todos esses conhecimentos eram memorizados e inscritos por extenso em fichas que ele conservava em uma caixa. Esse aprendizado reveste um saber singular e solitário que se impõe a Sean Barron em todos os lugares. Vemos aqui a face imperativa e superegóica do significante todo-sozinho não barrado pelo saber do Outro, notado S2. A face de gozo também é ali perceptível pelo "materialismo" (Miller & Lacan, 2017, p. 12) da letra que ressoa na cabeça de Sean Barron, faz envelope e lhe dá esse sentimento de força reconfortante: "A sonoridade forte e clara de suas letras apagava todas as minhas preocupações" (Barron, 1995, p. 150). Esse apoio sobre a materialidade do significante (Lacan, 2005, p. 155), ou seja, o som mais do que o sentido, permite a Sean Barron manter seu corpo, fazer corpo pela localização do gozo vocal sobre essa borda, como em-forma do objeto voz extraído do corpo. Ele pode assim se dirigir aos outros de sua classe e lhes entregar seu saber. A sucessão de seus indicativos como letras formam uma escrita, um traço de Uns iterativos, que ao mesmo tempo tranquilizam e ordenam o mundo em uma língua sem equívoco, permitem uma subtração do objeto voz sobre essa borda e um direcionamento possível ao Outro. A borda de letras protege assim Sean Barron do afeto de angústia em sua tomada de palavra, fazendo suportar a castração sobre essa borda por uma ínfima separação do objeto pulsional.

Os interesses específicos de Donna Williams fazem passarela com o Outro e a expressão de

seus afetos: “depois de ter me apoiado nas coisas para me comunicar, as coloquei a serviço de criar vínculos afetivos” (Williams, 1992, p. 77). A construção de um saber parece, portanto, primeira para suportar melhor o laço social. Citemos a esse respeito Poblome (2025), que vem em apoio de nossa demonstração:

Parece que é menos o consentimento a uma perda de gozo que abre à possibilidade das aprendizagens do que a elaboração de um saber singular, a partir de ferramentas múltiplas, que tem como consequência essa perda. Não é sem satisfação, nem mais-de-gozar, pois a elaboração desse saber pode ser partilhada e proporcionar prazer.

A relação ao outro por meio desses objetos é aceitável para os sujeitos autistas com a condição de que o parceiro se faça discreto e em uma postura pouco desejante. As intervenções dos parceiros em uma forma de espelho ou de ecolalia podem testemunhar o interesse pelos objetos para o sujeito autista e contribuir em seguida para aí introduzir algumas variações e perdas sobre essa borda a fim de alargá-lo e fazer abertura à novidade. Esse trabalho é o que Laurent descreve sob a forma dos circuitos (Laurent, 2012, p. 45): “Ao fio do tempo, assistimos à construção de uma cadeia que evolui 'de um objeto ao outro em torno de um furo'. Largar o domínio total do objeto para chegar a um espaço que não é nem de um nem de outro, um espaço de partilha, é também fonte de prazer, em um efeito de humanização e de reconhecimento essencial para os sujeitos autistas. Fazer um lugar à borda autística, mas também nele buscar ínfimas cessões aceitáveis para o sujeito autista, é uma função essencial do duplo. A pessoa que tem essa função pode apoiar o sujeito autista em uma certa colocação em palavras, mas sempre de forma milimétrica, em função do que é aceitável ou não dizer, pois é preciso a palavra justa. Essa angústia pode ser maciça e é frequentemente o que implica o mutismo no sujeito autista, tal como testemunha Birger Sellin: “falar é demasiado precioso para que eu mereça poder falar, não posso aprendê-lo porque direi apenas bobagens” (Sellin, 1994, p. 58). Sellin escreve: “cederei sem pesar essa forma de interação a outros, mas sem uma ajuda afetuosa não consigo” (Sellin, 1994, p. 141). O duplo é, portanto, essencial: “O autista se protege assim de angústias suscitadas por escolhas, por possíveis erros e por todo engajamento de seu desejo” (Maleval, 2021, p. 346). Não cometer erros convoca um imperativo da linguagem nessa tomada literal do S1 todo-sozinho e mostra o peso das palavras (Lacan, 1976).

O contato afetivo e o corpo do autista

O corpo na teoria lacaniana é antes de tudo a imagem no espelho, oriunda dessa experiência que o infans, entre seis e dezoito meses aproximadamente, vive cercado por um Outro que o acompanha na nomeação dessa imagem. Essa experiência do espelho é um tempo lógico que oferece “uma matriz simbólica onde o Eu se precipita em uma forma primordial, antes que se objetive na dialética da identificação ao outro e que a linguagem não lhe restitua no universal sua função de

sujeito” (Lacan, 1949, p. 93). Esse imago investido libidinalmente pelo infans “maquina os fantasmas que se sucedem de uma imagem esfacelada do corpo a uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade” (Lacan, 1949, p. 96). A imagem no espelho tem, portanto, estrutura de ficção e antecipa uma unidade corporal que precede a incoordenação e a prematuridade do organismo. Torna-se corpo um organismo investido pelo infans como imagem sustentada do simbólico em uma identificação alienante:

Essa relação erótica em que o indivíduo humano se fixa a uma imagem que o aliena a si mesmo, é aí a energia e é aí a forma de onde toma origem essa organização passional que ele chamará de seu eu (Lacan, 1948, p. 112).

Assim, o corpo só o se torna ao sustentar-se de uma imagem alienante, pois já inscrita em uma relação à linguagem, por uma nomeação que ao mesmo tempo precipita o sujeito e o cristaliza em um significante primeiro ao qual ele consente. O corpo se inscreve então em uma dinâmica pulsional tal como o autoerotismo freudiano pôde disso dar o exemplo. A partir de um objeto para sempre perdido e situado no campo do Outro, a pulsão forma uma trajetória ao redor do objeto *a*, causa do desejo: “A pulsão faz o seu giro” (Lacan, 1973a, p. 153). O buraco existe apenas por essa borda pulsional que se localiza sob as espécies dos orifícios do corpo, lugar de trocas com o Outro, onde a pulsão retorna para satisfazer-se em circuito. No autismo, na falta da cessão de um objeto pulsional, a borda pode se chamar “neo-borda” e se encarna em objetos, interesses específicos ou duplos que permitem um acolhimento do gozo e um retorno da pulsão, como lugar de troca com o Outro: “O sujeito não é feito para comunicar, mas para se inserir no mundo de forma autoerótica. E são os circuitos que o sujeito comporá que lhe permitirão obter essa inclusão no mundo” (Laurent, 2021, p. 177). Essa neo-borda localiza o objeto *a*, formando uma extração do objeto para que possa aí advir um corpo.

Se Lacan pode dizer a partir do *Seminário livro XX Mais*, ainda que um corpo vivente “não sabemos o que é ser vivente senão apenas isso, que um corpo isso se goza. Isso não se goza senão o corporizando de maneira significante” (Lacan, 1973/1999, p. 33), convém dizer que o sujeito autista não pode se construir um corpo senão a partir dessa alienação a uma borda que supre a carência de incorporação significante. A imagem do duplo torna vivo o corpo, permite que encontre limites e que os órgãos funcionem. Com efeito, se o sujeito autista não tem esse “órgão linguagem” (Lacan, 2001b, p. 476) que conviria ao corpo, o que é o discurso, é fazendo-o corpo pelo viés de um duplo que imita ou encarna que este se tornará corpo vivente. Laurent (2012, p. 85) sustenta que

a função desse duplo sendo, portanto, a de suprir a essa ausência de borda. A inexistência de borda do furo não é senão o redobramento da inexistência do corpo ele mesmo, pois um corpo não existe senão se um objeto pode dele se separar — o que supõe o sustento do olhar

do Outro que confere um corpo e lhe dá uma consistência.

O caso de Donna Williams ilustra esse ponto enquanto ela está em um período que ela denomina de depressão entre seus dez e quatorze anos, no qual perde o controle de seus esfíncteres e se afoga em seu mundo interior. Ela só recupera uma imagem do corpo e o domínio de seus esfíncteres após um encontro caloroso com sua amiga Robyn, cuja mãe cuidou dela e lhe ensinou como comer, se vestir e se portar bem na sociedade. Donna Williams se cola ao duplo para aprender e diz que se aplicou “a imitá-los com o talento de uma atriz confirmada. Mas havia uma coisa que não se podia [lhe] inculcar: a forma de sentir as coisas” (Williams, 1992, p. 118).

Colar-se à imagem do outro é um meio para o sujeito autista de se fazer um corpo na falta do estádio do espelho e da entrada na dimensão simbólica que estabiliza a imagem e a diferencia do outro. Donna Williams mostra o quanto o artifício da imagem do corpo se esforça para fazer deste um corpo vivente, mesmo aparelhado de um duplo. Desse modo, Donna Williams consente em exteriorizar pouco a pouco suas emoções, deixando seus duplos Willie e Carol um pouco em segundo plano:

Eu oscilava de um extremo ao outro, passando alternadamente da personagem de Carol à de Willie, cada um a antítese do outro. Como o trapézio relançado de um para o outro oscilava sempre mais alto à medida de minhas novas experiências, eu comecei a dominar melhor a situação e a abarcar com o olhar alguns traços de minha personalidade verdadeira (Williams, 1992, p. 189).

Durante muitos anos, Donna Williams utilizou seus duplos imaginários Willie e Carol para expressar emoções suscetíveis de convir às situações sociais ou então de a pôr ao abrigo do Outro. Donna Williams havia igualmente se identificado a um gatinho, como objeto caído do outro, objeto abandonado: “Eu me via sempre na situação em que Carol, a verdadeira, me havia levado para sua casa como se tivesse encontrado um gatinho perdido no parque” (Williams, 1992, p. 261). Esse objeto do outro, Donna Williams o encarna tanto mais que sua posição subjetiva se vê radicalmente e realmente excluída da linguagem: “Eu havia passado toda a minha vida rejeitando esse ser sem defesa por cima do muro, 'no mundo', sob o disfarce de Carol” (Williams, 1992, p. 261). Carol fez corpo e hábito para Donna Williams, tanto quanto a protegeu como seu gatinhozinho.

Para concluir sobre o corpo do autista e seu vínculo com os afetos, poderíamos dizer que o corpo só se constitui no vínculo à linguagem e ao Outro, por um aparelhamento que ata a imagem, a linguagem e o gozo. No autismo, esse aparelhamento pode se realizar a partir de uma borda autística que permite ao sujeito extrair um objeto pulsional e aí localizar o gozo, fazendo-o corpo gozante. Esses efeitos da linguagem sobre o corpo culminam em uma outrificação do corpo (Miller, 2016, p. 110), ou seja, de uma colocação em relação dos experimentados do corpo com significantes que lhes

dão sentido. No autismo, trata-se mais de um fora-de-sentido dos experimentados de gozo, exceto a angústia, que não engana. Donna Williams e Sean Barron testemunharam em seus livros numerosíssimas passagens onde o afeto maior é a angústia, provocando crises de cólera e de gritos. O uso dos objetos autísticos, dos duplos e dos interesses específicos permite ao sujeito autista uma fala destacada dos afetos, intelectualizada, que põe o sujeito ao abrigo de sua enunciação. Lacan dizia com efeito que: "A pulsão é o eco no corpo do fato de que há um dizer" (Lacan, 2005, p. 17). O sujeito autista tapa o furo do corpo e sua possibilidade de ressonância do afeto. O que faz ressonância necessita de uma falta, de um oco. Ora, no autismo, o enxame de S1 às vezes muito compacto não deixa nenhum lugar ao outro. Ter um corpo é, porém, uma construção lógica que Lacan (Lacan, 2005) demonstra a partir da lógica dos conjuntos. O corpo representa esse vaso que contém um vazio, um furo, feito da marca inicial do significante primeiro, o Um, e de seu apagamento. Com efeito, para passar do corpo de que se goza de forma solitária, autística, a um corpo inscrito em um discurso e um laço social, há necessidade de que o afeto toque o corpo. "Fala-se com seu corpo" (Sagna & Laurent, 2016) quer dizer que o corpo está em vínculo com o desejo do Outro.

Um sonho de Donna Williams inaugura sua passagem "ao mundo" aos vinte e seis anos, por uma imaginarização do furo simbólico e de seu sentimento de solidão que se segue, oferecendo-lhe uma vulnerabilidade que a torna dependente do Outro. Ela sonha com seu avô, que era uma figura humana importante para ela e que faleceu quando era criança pequena. Seu sonho representa a perda de seu avô que passa para o outro lado do muro por um buraco. Donna Williams o segue e se encontra em uma paisagem desértica, vazia. Ela chama, mas só ouve sua voz que ressoa. Sua mãe quer retomá-la e a impede então de prosseguir seu caminho. Após esse sonho, onde se ouve pela primeira vez uma separação entre o gozo sonoro e o objeto voz, Donna Williams expressa seus afetos por um homem chamado Julian, pelo qual tem afeição. Ela consegue suportar alguns minutos seus afetos de ternura. Ela se sentia finalmente ela mesma: "A lata de alimento para gato havia se tornado inútil. Donna nunca mais seria outra coisa senão um ser humano" (Williams, 1992, p. 277). Habitar seu corpo passará, portanto, para Donna Williams, por uma cessão do objeto voz e pela possibilidade de se separar de um outro, seu avô, ao qual fará apelo no sonho. Essa possibilidade de apelar se reiterará com Julian, em seguida.

Conclusão

Se Donna Williams evoca a condição autística aprisionada "em uma afetividade mutilada", compreendemos de fato que os sujeitos autistas sentem afetos, mas não podem deles testemunhar, na falta de simbolização dos experimentados do corpo. Lacan o dizia como "o gozar de um corpo, de um corpo que, o Outro, o simboliza" (Lacan, 1973/1999, p. 33). O distúrbio do contato afetivo no autismo toca, portanto, ao distúrbio causado pelo vínculo ao Outro e à linguagem. Ter um corpo vivente, gozante e falante necessita para o sujeito autista um aparelhamento pelos objetos, os interesses específicos e os duplos a fim de jugular a angústia diante do desejo do Outro e aí localizar

o gozo da língua. Quando Birger Sellin escreve de seu estatuto que é “uma alma prisioneira”, não ouvimos aqui que a alma se junta a esse corpo vivente, gozante e falante, em sua relação ao objeto *a*?

Tradução: Catarina Coelho dos Santos

Referências Bibliográficas

- Académie Française. (s. d.). *Dictionnaire* (9 ed.). Recuperado de <http://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9A0698>
- Barron, J. (1995). *Moi, l'enfant autiste*. Paris : J'ai lu.
- Berquez, G. (1983). Traduction de l'article original de Léo Kanner : "Autistic disturbances of affective contact". In *L'autisme infantile* (p. 217-264). Paris: PUF.
- De Georges, P. (2013). Savez-vous ce qu'est le désir ? *Les Cahiers Cliniques de Nice*, (11), 8-18.
- Di Ciaccia, A. (2005). La pratique à plusieurs. *La Cause freudienne*, 61(3), 107-118. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/lcdd.061.0107>
- Freud, S. (2002). *Métopsychoanalyse*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2005). Esquisse d'une psychologie scientifique. In *La naissance de la psychanalyse* (p. 307-396). Paris: Presses Universitaires de France. Recuperado de <https://www.cairn.info/la-naissance-de-la-psychanalyse--9782130578123-p-313.htm>
- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 2, 217-250.
- Kanner, L. (1944). Early infantile autism. *The Journal of Pediatrics*, 25, 211-217. [https://doi.org/10.1016/S0022-3476\(44\)80156-1](https://doi.org/10.1016/S0022-3476(44)80156-1)
- Klein, M., Jones, E., Derrida, M., Abraham, N., & Torok, M. (1968). *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.
- Koretzky, C. (2016). Passions de l'être, passions de l'âme. *La Cause du Désir*, 93(2), 73-78. <https://doi.org/10.3917/lcdd.093.0073>
- Lacan, J. (1948). L'agressivité en psychanalyse. In *Écrits I* (p. 100-123). Paris: Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1949). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je, telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In *Écrits I* (p. 92-99). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1958). Direction de la cure et les principes de son pouvoir. In *Écrits II* (p. 62-123). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1973a). *Le séminaire de Jacques Lacan. Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (1973b). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XXI. Les non-dupes errent*. (Inédit).
- Lacan, J. (1974). Télévision. In *Autres écrits* (p. 509-544). Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1976). Conférences nord-américaines. *Scilicet*, 6/7, 42-45.

- Lacan, J. (1999). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XX*. Encore. Paris: Éditions Points. (Trabalho originalmente publicado em 1973).
- Lacan, J. (2001a). Allocution sur les psychoses de l'enfant. In *Autres Ecrits* (p. 361-371). Paris: Editions du Seuil
- Lacan, J. (2001b). L'Étourdit. In *Autres écrits* (p. 449-495). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire de Jacques Lacan. Livre X*. L'angoisse. Paris: Éditions du Seuil. (Trabalho originalmente publicado em 1963).
- Lacan, J. (2005). *Le séminaire de Jacques Lacan. Livre XXIII*. Le sinthome. Paris: Edition du Seuil.
- Lacan, J. (2015). Le phénomène lacanien. *Essaim*, 35(2), 143-158. <https://doi.org/10.3917/ess.035.0143> (Trabalho originalmente publicado em 1974).
- Lacan, J. (2026). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XIII*: L'objet de la psychanalyse. Paris: Edition du Seuil. (Trabalho originalmente publicado em 1966).
- Laurent, E. (2012). *La bataille de l'autisme*. De la clinique à la politique. Paris: Navarin-Le champ freudien.
- Laurent, E. (2021). Variétés de la lettre et objets autistiques. In *Parents et psychanalystes pensent l'autisme* (p. 161-178). Paris: Le Champ freudien éditeur.
- Laznik, M.-C. (2016). Peut-on penser une clinique du nœud borroméen qui distingue psychose et autisme chez le tout-petit ? In *Les psychoses chez l'enfant et l'adolescent* (p. 415-437). Paris: Éres. <https://doi.org/10.3917/eres.berge.2016.02.0415>
- Maleval. (2021). *La Différence autistique*. Paris: Presses universitaires de Vincennes.
- Maleval, J. C., & Grollier, M. (2015). Extension du spectre de l'autisme. *L'Évolution Psychiatrique*, 80(4), 764-781. <https://doi.org/10.1016/j.evopsy.2014.05.011>
- Miller, J.-A. (1985). *L'orientation lacanienne. Extimité*. Enseignement prononcé dans le cadre du département de psychanalyse de l'université Paris VIII, XXIV-Cours du 27 novembre 1985, inédit. (Inédit).
- Miller, J.-A. (2016). Les affects dans l'expérience analytique. *La Cause du Désir*, 93(2), 98-111. <https://doi.org/10.3917/lcdd.093.0098>
- Miller, J.-A. (2021). S'il y a la psychanalyse, alors... In *Parents et psychanalystes pensent l'autisme* (p. 23-33). Paris: Le Champ freudien éditeur.
- Miller, J.-A., & Lacan, J. (2017). Jacques Lacan Conférence à Genève sur le symptôme. *La Cause du Désir*, 95(1), 7-24.
- Poblome, G. (2025, janvier 19). Désincarcération. *L'HEBDO-BLOG* 359. Recuperado de <https://www.hebdo-blog.fr/desincarceration/>
- Rey Flaud, H. (2008). *L'enfant qui s'est arrêté au seuil du langage*: Comprendre l'autisme. Paris: Aubier.
- Sagna, P. L., & Laurent, E. (2016). Penser avec son âme ou parler avec son corps. *La Cause du Désir*,

93(2), 6-12. <https://doi.org/10.3917/lcdd.093.0006>

- Sellin, B. (1994). *Une âme prisonnière. Grâce à la communication assistée, un jeune autiste nous révèle son univers*. Paris : Robert Laffont.
- Soler, C. (2002). *L'inconscient à ciel ouvert de la psychose*. Paris : Presses universitaires du Mirail.
- Tustin, F. (1982). *Autisme et psychose de l'enfant*. Paris : Éditions du Seuil.
- Williams, D. (1992). *Si on me touche, je n'existe plus: Le témoignage exceptionnel d'une jeune autiste*. Paris : J'ai lu.

Citação/Citation: Toussaint, H., & Grollier, M. (nov. 2025 a abr. 2026). De volta a Kanner: autismo e transtorno de contato afetivo. (C. C. dos Santos, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 21(41), 84-105. Disponível em <https://www.isepol.com/asephallus> DOI: 10.17852/1809-709x.2026v21n41p84-105

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 05/02/2026 / 02/05/2026.

Aceito/ Accepted: 04/05/2026 / 05/04/2026.

Copyright: © 2026. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.